

## A AFIRMAÇÃO EM PORTUGUÊS — UMA COMPARAÇÃO COM O FRANCÊS

MARIA DA CONCEIÇÃO VILHENA

Um linguista estrangeiro que só conheça o português através da gramática ficará surpreendido quando tiver seu primeiro contacto com a língua viva. É verdade que a passagem da teoria à prática sempre é acompanhada de descobertas surpreendentes; mas, no caso da afirmação em português, o número das surpresas ultrapassa em muito o que se pode esperar habitualmente. Com efeito, as gramáticas pecam por uma extraordinária pobreza de informações sobre os processos afirmativos. De um modo geral registram apenas algumas formas adverbiais como "sim, certamente, decerto, realmente, efetivamente".

Assinalamos como exceção a *Gramática Portuguesa* de P. Vázquez Cuesta: "A língua portuguesa usa raramente a afirmação simples *sim* isolada, como resposta a uma pergunta. Faz, em compensação, um grande uso (...) da repetição mecânica do verbo..." (1)

É o único gramático que faz alusão aos diferentes processos de afirmação em português. Entretanto, está longe de esgotar o assunto e, além disso, algumas de suas afirmações e de suas análises são contestáveis. (2)

(1) Vázquez Cuesta, Pilar y Mendes da Luz, Maria Albertina — *Gramática Portuguesa*. Madrid, Gredos, 1971, 2 vols. v. 2, p. 129.

(2) Sob o título «Adverbiais de afirmação», são citadas palavras e expressões de sentido negativo, causal, consecutivo etc. Exemplo: "Também", exprimindo desaprovação, revolta ou censura: «Também o pai sempre diz coisas» (Quand même papa, tu dis des choses...)

«Também» é uma partícula que habitualmente tem uma função lógica, mas, em contextos como este, perde todo o contacto com a razão discursiva e se transforma em puro sentimento de repreensão, espanto e descontentamento. Esvaziou-se de seu conteúdo semântico e carregou-se de afetividade. Assim, ela adquire uma entonação toda particular, sem nenhuma relação com a afirmação.

Os meios de afirmação em português formam um sistema muito rico e muito complicado. Este sistema utiliza não somente processos que remontam ao latim, mas também outros, muito variados, alguns já gramaticalizados, outros usados na linguagem corrente, aceitos por todas as camadas sociais, mas que não conseguiram ainda fazer-se notar pelos gramáticos. Variedade de formas e de processos gramaticais, cujo emprego não é inteiramente arbitrário, mas em relação com a situação contextual. Entretanto, não há regras fixas, podendo freqüentemente uma partícula ser substituída por outra.

O advérbio de afirmação correspondente ao "oui" francês é "sim"; mas seu lugar é disputado por outros advérbios e expressões de valor afirmativo, como: "certamente, decerto, com certeza, na verdade, verdadeiramente, realmente, efetivamente, naturalmente, de fato, pois, claro, pudera, isso, pois não."

O emprego destas partículas está submetido a uma escolha que depende freqüentemente do tipo da situação: pedido de confirmação, apelo de informação, deliberação, dúvida etc.

A situação interrogativa mais freqüente é a que equilibra o positivo e o negativo e contém um puro e simples apelo de informação: "O João estava em casa?". O locutor não pressupõe o caráter positivo ou negativo da resposta; esta pode ser tanto "sim" como "não". Mas há ainda situações em que o locutor deve apagar uma incerteza ou uma dúvida, encorajar seu interlocutor ou aderir a seu estado psíquico. Ainda aqui, ele deve fazer uso dessas partículas de afirmação porque elas têm também uma função confirmativa, de pura aquiescência. É indiferente que a pergunta seja feita na forma afirmativa ou negativa. Estas duas formas quase se equivalem semanticamente, há sinonímia entre "Ele vai?" e "Ele não vai?". A forma afirmativa ou negativa dada ao processo denuncia talvez uma opção do locutor, mas ela em nada influi na forma da resposta a ser dada; é uma mesma pergunta feita sob suas duas formas e que terá a mesma resposta.

*SIM* — A forma latina "sic facio" deu em francês arcaico "si faisons"; e, pela supressão do verbo, teve-se em italiano e em espanhol "si" e em português "sim".

Ao contrário do que se passa nas outras línguas românticas, o emprego de "sim" em português não é muito freqüente. É utilizado geralmente como resposta a uma pergunta sem verbo:

"Muito cedo? — Sim."

"O ano passado? — Sim."

"Sim ou não? — Sim."

O "sim" confirmativo, sem mais nada, é freqüentemente uma manifestação de impaciência.

Quando se quer responder mais polidamente, dirigindo-se sobretudo a um superior, emprega-se "sim senhor."

"Amanhã? — Sim senhor."

"Todos os dias? — Sim senhor."

Responde-se ainda com "sim senhor" à interrogação quase não-deliberativa pela qual o locutor sugere o que desejaria ver confirmado:

"E vai chegar todos os dias a horas, não é? — Sim senhor".

É uma situação em que o positivo e o negativo não se equilibram e a resposta só pode ser "sim". A atitude do locutor, implicando uma submissão ou adesão, impede toda alternativa.

O advérbio "sim" constitui, por sua função instrumental essencial, uma resposta afirmativa completa; mas pode figurar justaposto a todos os tipos de respostas verbo-nominais:

"Viste-os bem? — Vi-os bem, sim."

"Era a Antonia? — Era ela, sim."

"Um funeral? — Sim, um funeral."

*CERTAMENTE, EVIDENTEMENTE, COM CERTEZA* — Estas formas são usadas como resposta afirmativa às interrogações quase fictícias. O locutor só interroga ficticiamente para sugerir que recusa vigorosamente a idéia contrária:

"Fiz bem, não foi? — Evidentemente."

"Tu vais comigo? — Com certeza."

O locutor não espera nenhuma informação além da aquiescência sugerida.

*REALMENTE, EFETIVAMENTE, NATURALMENTE, NA VERDADE, DE FATO* — Em outras situações, não menos numerosas, as partículas afirmativas não respondem a uma interrogação mas a uma simples necessidade de indicar que se está de acordo com o interlocutor. É o caso não somente de "certamente" e "evidentemente" mas em especial das abaixo mencionadas:

"Como te disse, eu não podia ir. — *Pois, com certeza* — Sentia-me *realmente* bastante cansada. — *Na verdade* fizeste bem em não ter ido. — E demais estava cheia de trabalho. — *Realmente* há momentos em que não se pode fazer tudo. — *De fato* custou-me imenso não ter ido — Ah *sim, certamente...*

Por meio desses advérbios, reconhece-se também a legitimidade de uma asserção e dá-se-lhe mais peso:

“*Efetivamente* ofendeu-me, mas reconheço que na verdade é meu amigo e, *naturalmente*, vou perdoar-lhe.” “*Realmente* fazes bem. Perdoar é *de fato* o melhor que há a fazer.”

*CLARO, POIS* — Todas estas formas adverbiais podem ser acompanhadas de partículas que reforçam a afirmação:

“Vais? — *Claro* que *sim!*”

“Não achas bem? — *Pois certamente* que acho!”

Como veremos, estas partículas tomaram posteriormente, sozinhas, a função de afirmação.

“Claro” e “pois” não preenchem ainda as funções de resposta a uma interrogação que equilibra o positivo e o negativo em proporções iguais, isto é, estas partículas não respondem a um simples apelo de informação. Seu papel está circunscrito às situações que já denunciavam uma opção do locutor; é necessário que o positivo sobrepuje em muito o negativo para que se possa empregar “claro” e “pois”:

“E tu gostas assim? — *Claro!*”

E és tu que queres? — *Pois.*”

Trata-se aqui da confirmação de uma escolha já expressa. Mas o locutor pode também utilizá-las como aquiescência:

“Eu fiz tudo o que pude e sempre farei. — *Claro!*”

“Tu vais também e ajudas-me. — *Pois.*” (3)

“Pois”, (= oui, d'accord, bien sûr) é de um emprego muito generalizado em Portugal. Entretanto, no Brasil, só é empregado na expressão “pois sim”, de sentido negativo irônico:

“Ele queria isto. — *Pois sim!* Pode bem esperar que nunca o apanha!” (Il voudrait ça. — Ah non! Il peut bien courir, qu'il ne l'aura jamais!)

O emprego de “pois” é suficiente, no Brasil, para denunciar um português, ainda que já tenha o sotaque brasileiro.

Nos programas radiofônicos ou televisionados, quando se trata de caracterizar uma personagem portuguesa, fazem com que ela repita constantemente “pois”. A repetição desta partícula afirmativa é, para os brasileiros, o melhor meio de fazer notar a diferença entre a língua dos dois países.

Em lugar de “pois”, o brasileiro emprega “sei”, a primeira pessoa do verbo “saber” (savoir). Ao telefone, enquanto um português, para marcar

(3) «Pois», seguido de «sim» ou «não» conserva sempre sua função de confirmação, isto é, «pois sim = pois não».

o acordo com seu interlocutor, diz frequentemente "pois", o brasileiro diz "sei". Às vezes, para dar mais força a esse acordo, repete-se a palavra: "pois, pois", "sei, sei". "Saber" aparece esvaziado de seu conteúdo habitual, a posse do conhecimento. Utilizando-o, a pessoa não toma a posição do conhecedor, mas quer simplesmente exprimir seu acordo ao longo da conversa, enquanto seu interlocutor fala.

"Pois" e "sim" tornam-se assim sons de aprovação pronunciados quase mecanicamente, sem que se perceba.

*ISSO* — Ao lado de "sic facio", o latim empregava também "hoc facio". Daí a forma francesa "o il → oui". O provençal suprimiu mais tarde o pronome, conservando apenas a forma "oc".

A resposta com "hoc" encontra um correspondente no português atual sob a forma "isso" (ça). Trata-se de um assentimento, de uma adesão total ao que o interlocutor diz:

"... Janto e deito-me logo. — Isso!"

"Agora vou estudar a sério. — Isso!"

"Isso" equivale semanticamente à frase que o precede. Sua função de pronome demonstrativo cede lugar a uma função muito particular de "pró-asserção". "Isso" vem frequentemente acompanhado pela partícula "mesmo".

"Ladrão, é o que ele é! — Isso mesmo!"

*PUDERA* — "Pudera" é uma forma do verbo "poder" (pouvoir) que se esvaziou completamente tanto de seu valor semântico como de sua função sintática. Empregada hoje como expressão de assentimento, de confirmação de alguma coisa que é evidente, que não admite nenhuma dúvida, ela corresponde a "bien sûr", "évidemment", "sans aucun doute".

Seu emprego é corrente tanto no Brasil quanto em Portugal, e particularmente freqüente na linguagem falada:

"Ele comeu muito; *pudera*, àquelas horas ainda não tinha almoçado!"

"Divorciaram-se? — *Pudera*, não se suportavam!"

"Vai para lá trabalhar? — *Pudera*, pagam-me bem".

"Gosto muito dos meus avós — *Pudera*, que não gostes, fazem-te todas as vontades!"

Vázquez Cuesta, em sua *Gramática Portuguesa* considera "pudera" como um advérbio de negação e, paradoxalmente, escreve a esse respeito: "o mais que perfeito simples do verbo *poder* se emprega com valor de condicional" (4). Como exemplo apresenta a seguinte frase:

(4) Vázquez... ed. cit., v. 2, p. 234.

"Está contente o seu sobrinho em Paris? — Pudera não!"  
(Votre neveu se plait-il à Paris? — Bien sûr!)

"Pudera" tem, pois, neste contexto, um valor de confirmação e não de condicional. (5)

Todas estas partículas podem então significar respostas afirmativas. O valor mais ou menos categórico da resposta não depende da forma empregada, mas do tom da voz.

Os efeitos de entonação podem contribuir para exprimir todas as nuances possíveis da afirmação: mais ou menos firme, irônica, no sentido negativo. Dependendo da melodia, uma seqüência fônica afirmativa pode mesmo significar uma negação e vice-versa.

O português possui, com efeito, uma grande variedade de instrumentais factividivos destinados especialmente à expressão da afirmação. Entretanto a resposta afirmativa a uma interrogação completa ou a confirmação de uma afirmação se exprime sistematicamente pela repetição do verbo:

"Vamos ao cinema? — *Vamos*".

"Gostas de laranjas? — *Gosto*".

"Ele quer comer já? — *Quer*".

"Está muito frio? — *Está*".

Este processo sintático é chamado "linguagem-eco" pois consiste na repetição do verbo empregado na pergunta, modificado simplesmente em virtude da concordância com o novo sujeito. Enumeração dos verbos utilizados é extensiva aos estados e às atividades em que se pode envolver o espírito humano.

Nas respostas, o enunciado assertivo é geralmente constituído da forma verbal correspondente à pessoa que fala e mais nada. O enunciado mínimo coincide assim com um elemento sintático mínimo:

"Faço assim? — *Faz*".

"Ele sempre foi a Lisboa? — *Foi*".

"Hoje estás muito cansada? — *Estou*".

A elipse do sujeito e do objeto da frase-resposta é habitual, seu sentido é completado pela contribuição dos elementos do contexto. Somente em casos particulares, o sujeito ou o objeto é repetido — para evitar a ambigüidade ou destacar uma palavra:

"Voces compraram o carro? — *Comprei eu*".

"Um deles foi a Lisboa? — *Foi ela*".

"Queres fruta? — *Quero maçãs*".

(5) O valor de condicional é arcaico e só se encontra nos sintagmas formados de «pudera + infinito»: «Pudera eu lá ir!...»

Uma resposta zeugmática pode ser tão categórica como uma resposta inteira. Tudo depende do tom enérgico empregado; uma só palavra pode conter uma carga afetiva que compense os elementos omitidos. E não esqueçamos que o papel de transmissão desempenhado pela linguagem pode ser executado por meios não lingüísticos, com o gesto e a mímica; ele depende sobretudo da entonação que pode completar, aprofundar ou mudar o sentido comum do enunciado.

Em certos casos, a pressuposição da resposta afirmativa é marcada pelo apêndice "não + verbo", isto é, pela repetição do verbo da frase interrogativa na forma negativa:

"— *Gostas de peixe, não gostas? — Gosto.*"

"— *Vais ao cinema, não vais? — Vou.*"

A resposta se torna então uma simples aquiescência. Ela pode ser dada igualmente pela repetição do verbo, empregado freqüentemente duas vezes, para dar mais força à adesão:

"Tu comes muito bem. — *Como, como.*"

"Tem uns olhos bonitos! — *Tem, tem.*"

"Já é tarde, não é? — *É, é.*"

"Leste muito, não leste? — *Li, li.*"

A energia de que está impregnada a resposta pode ser traduzida às vezes por sua extensão. Em lugar da simples repetição do verbo, o interlocutor retoma todas as palavras da pergunta:

"E tu aceitas esse trabalho?! — *Eu aceito esse trabalho!*"

"Ele cala-se a tudo e não lhe volta as costas?! — *Cala-se a tudo, e não lhe volta as costas.*"

É certo que um aspecto importante para esse tipo de respostas continua sendo a entonação; responde-se geralmente com firmeza, mas lentamente, com as sílabas pronunciadas muito nitidamente.

Leo Spitzer (6), citando o artigo de M. H. Sten sobre a repetição do verbo em português (7), diz que atesta casos em que somente o auxiliar é repetido. Esta afirmação apresenta o risco de fazer crer que há "casos" em que o auxiliar não será empregado sozinho como resposta afirmativa, o que não é exato. Às perguntas cujo tempo verbal é composto, responde-se sistematicamente pela repetição do auxiliar:

"Ela *tem* comido bem? — *Tem.*"

"Tens ido ao cinema? — *Tenho.*"

"Temos feito progressos? — *Têm.*"

"Vocês *têm-se* dado mal na praia? — *Temos.*"

(6) Du langage-écho en portugais, in B.F., t. V, p. 165.

(7) in Archiv f. Neuere Sprachen, 1936, p. 229.

É, aliás, o processo seguido pelo inglês: "Do you work? — Yes, I do."  
"Does he eat? — Yes, he does."

Assim como acontece com os advérbios e as expressões adverbiais, a repetição do verbo reforça a própria asserção ou a asserção do interlocutor:

"Eu queria ir, queria, mas não posso."

"Sabe, ele tinha trabalhado pouco. Tinha, tinha."

Ao lado de "sic" e "hoc", o latim empregava também a partícula "verum" e o plural "vera": "Facies? — Verum.". De acordo com este uso, o português utiliza expressões como "na verdade" e "é verdade". Esta última aparece já incorporada à pergunta, sempre que o locutor quiser levar seu interlocutor à aquiescência:

"Tu gostas, não é verdade? — É."

"Ela é mau, não é verdade? — É verdade, é."

Freqüentemente, este reforço da pergunta se reduz a "não é":

"Gostas mais de maçãs, não é? — É." (é verdade que gosto mais de maçãs).

"Tu comes bem, não é? — É." (é verdade que como bem).

O emprego da interrogação dupla é um processo enfático que visa a obter o acordo do interlocutor. A insistência interrogativa traduz a convicção do locutor que apenas interroga ficticiamente. Ele não pede nenhuma informação, ele só quer a adesão sugerida. Esta forma de interrogação pode, talvez, contribuir para explicar um processo de resposta afirmativa que só se encontra no português do Brasil. Em Portugal, o verbo utilizado é sempre o mesmo que forma o núcleo da frase interrogativa. No Brasil, ao lado desse processo, há um outro igualmente freqüente e que consiste na utilização do verbo "ser" (être) na terceira pessoa do singular. A qualquer pergunta, o brasileiro pode responder com "é", no sentido de "sim" (oui), mas como se fosse uma resolução inevitável:

"Agora vais ao restaurante? — É."

"Gostas deste livro? — É."

"Ele estava muito doente? — É."

Este "é" impessoal deve representar uma forma elíptica da expressão "é mesmo assim" (c'est bien ça).

O verbo "être" (ser, estar) é um verbo com dupla expressão — gramatical e léxica — ambas igualmente autênticas e antigas. Ao lado de uma noção verbal "existir", ele exerce a função de verbo predicativo, indicando a identidade entre dois termos nominais. Utilizado como resposta afirmativa, ele deve funcionar como verbo de estado, estabelecendo a relação de identi-

dade entre dois termos — a ação assinalada na pergunta e a que corresponde à realidade: "Ce que vous avez demandé *est* la vérité".

O português do Brasil conhece ainda um outro tipo de afirmação verbal, com o verbo "estar" (*être*); trata-se mais de uma confirmação do que de uma resposta:

"Amanhã vou à tua casa. — Tá."

"Se quiseres, *compramos* bolos. — Tá."

"Tá" é uma aférese da forma "está", terceira pessoa do singular de "estar". Trata-se de uma elipse da expressão "está bem", no sentido de "c'est d'accord". É também empregado como pergunta fictícia, isto é, quando não se admite alternativa e se está certo de obter a adesão:

"Amanhã vens mais cedo, tá? — Tá."

"Vais-me fazer um favor, tá? — Tá."

No primeiro caso, o verbo "*être*" corresponde a "ser", *être d'essence*. Estabelecendo a verdade da pergunta, ele propõe um absoluto.

No segundo caso "*être*" corresponde a "estar", *être de circonstance*. Ele descreve uma situação, a de dois locutores que estão de acordo.

O processo por repetição não se circunscreve somente ao verbo. Em certos casos, a resposta com um só termo pode coincidir com uma forma de categoria diferente:

"Ela estava *muito* zangada? — *Muito!*"

"Já o viste? — *Já.*"

"Ele *ainda* dorme? — *Ainda.*"

"Tu *também* vais? — *Também.*"

"*Todos* o viram? — *Todos.*"

Põe-se em relevo a forma que contém a informação semântica em questão; e, deixando de lado todos os outros elementos da frase, o locutor dá maior peso àquele que é psicologicamente o mais importante. A repetição torna-se assim uma ênfase que destaca uma palavra que informa melhor do que a ação verbal.

Este processo é muito frequente no caso das dubitativas. Surpreendido por uma notícia, o interlocutor retoma, espantado, a frase assertiva que acaba de ser enunciada. Ele não interroga para informar-se, mas para ter a confirmação daquilo que lhe parece inverossímil. A interrogação recai sobre a causa do espanto:

"O seu pai tem um cancro. — Um cancro? — Um cancro."

"O teu carro foi roubado. — Foi roubado? — Foi."

"Morreram todos. — Todos? — Todos."

"O cão morreu. — Morreu? — Morreu."

A resposta, presumida positiva, apenas confirma uma constatação seguida de uma atitude psicológica de recusa; ela é apenas a repetição da palavra posta em evidência, verbo ou substantivo, que é a causa do espanto.

**CONCLUSÃO** — O português tem dois processos de resposta afirmativa a uma interrogação ou de confirmação de uma asserção:

- 1.º) Pela utilização de partículas afirmativas: sim, certamente, com certeza, decerto, pois, claro, realmente etc.
- 2.º) Pela repetição verbo-nominal:
  - a) em Portugal, repetição do verbo empregado na pergunta e, às vezes, da palavra que contém a informação pedida;
  - b) no Brasil, além dessas, há ainda o emprego das formas verbais "sei", "é" e "tá".

Leo Spitzer considera a repetição do verbo como um eco interior, livre de toda materialidade. Esta linguagem-eco obedece a uma atitude mental primitiva: em latim "legisti librum? legi" precedeu a resposta "hoc feci" et "hoc".

Segundo Leo Spitzer, o português permaneceu "perto da língua-eco, infantil e primitiva, e não enveredou pela única via da abstração que pede, nas outras línguas românicas, uma partícula de afirmação como "oui", "si" etc. (8). Deveremos, então, considerar o latim como uma língua infantil e primitiva?

Segundo Spitzer, "o auge da abstração é atingido por uma partícula seca e etimologicamente inexpressiva para o locutor, como "oui" (9). Este auge de abstração existe tanto em francês quanto em português. Em português, temos "sim", correspondente a "oui", embora de emprego muito menos frequente; mas temos também outras partículas, tão abstratas como "sim", que tomaram ultimamente o valor afirmativo como acabamos de verificar. O português enveredou, pois, como as outras línguas românicas, pela via da abstração.

Léo Spitzer, forçado pelos fatos linguísticos, não abjura sua teoria da passividade, mas tenta fazer com que ela seja aceita em termos de contradição: "A contradição da linguagem-eco, indicação de passividade, com o sentimento da afirmação enérgica da personalidade se resolve então da maneira seguinte: a linguagem-eco pode também indicar uma passividade *desejada*, um laconismo *consciente*." (10)

Ao contrário do que afirma Léo Spitzer, a resposta "verbal" permite ao locutor situar-se como "sujeito", exprimir-se ao nível de "pessoa" que

(8) Art. cit., p. 167.

(9) Art. cit., p. 167.

(10) Bol. de Fil., VI, p. 181.

pensa, sente, sofre, decide. Ou ele se situa como "sujeito", consciente e responsável, ou se torna o eco de um outro "ego":

"Gostas de bolas? — Gosto."; "Ele quer ir ao cinema? — Quer."

Retomando o verbo, a decisão do locutor se enriquece com a expressão da temporalidade:

"Vais? — Hei-de ir" ou "Já fui."

Nas respostas verbais ou nominais justapostas a uma partícula afirmativa, se por uma questão afetiva se desejar reduplicar a afirmação, é o verbo ou o sintagma nominal que se repete habitualmente:

"Vou sim, vou vou!"

"Bonito, sim senhor, muito bonito!"

Isso mostra que a força afirmativa se exprime melhor verbo-nominalmente do que por meio das partículas abstratas. O verbo é, juntamente com o pronome, a única espécie de palavras submetida à categoria da pessoa. Ao retomá-lo, o locutor não se apaga; bem ao contrário, ele tenta afirmar-se melhor. Quer o locutor fale de si mesmo quer se dirija a outra pessoa, ou mesmo fale de um ausente, ele não se coloca nunca numa situação de alienação ou de despersonalização.

Além de *demissão*, Léo Spitzer vê também, na linguagem-eco, *fatalidade* e *submissão cega*:

"Se numa destas línguas que usam a partícula afirmativa gramaticalizada, o processo primitivo da repetição textual reaparece, ele terá necessariamente uma outra nuance: mencionei o tom fatalista de tais diálogos italianos em meu *Italienische Umgangssprache* (1922), p. 121:

"Sara un suicidio... — Al contrario! Sara la vittoria della mia esistenza! — Tu soccomberai... — Soccombero". (...) desejar-se-ia saber se os portugueses sentem ainda uma nuance de fatalismo, de submissão cega no que é dito, no eco abreviado" (11).

Com efeito, este pequeno texto italiano tem um tom muito fatalista; mas a fatalidade vem do conteúdo e não da forma. Em português, utiliza-se exatamente o mesmo processo, quer se trate de uma situação deprimente ou otimista:

"Então, sempre morreu? — *Morreu!*"

"Então, passaste no exame? — *Passsei!*"

"Hás-de triunfar pelas tuas próprias forças! — *Hei-de, hei-de!*"

(11) Art. cit., p. 167.

Se há fatalidade, desânimo, fraqueza, medo de lutar, a única diferença da resposta estará na entonação. A adesão do locutor se faz notar pela carga de energia afetiva que acompanha a resposta e não pela forma empregada. Uma resposta enérgica, violenta, decidida, denota uma vontade firme, capaz de manter a palavra; ao contrário, uma resposta tímida, triste, sem energia é, sinal de indiferença ou de medo.

A opinião de Meyer-Lübke é totalmente oposta à de Léo Spitzer: "É inegável que por toda a parte e em todas as épocas a afirmação enérgica sobretudo pode exprimir-se pela repetição do verbo: *viens-tu? — je viens*" (12). Para ele, a repetição do verbo exprime uma afirmação enérgica e não uma passividade proposital ou uma fatalidade.

A resposta pelo verbo denota uma disposição ou uma operação mental. O locutor converte em uma enunciação seu estado interior relacionado com a pergunta, enunciação que pode traduzir uma atitude subjetiva (crer, sentir, sofrer etc.) ou uma operação de pensamento que leva à ação (ir, fazer, trazer etc.).

O português responde raciocinando. E a decisão é expressa não pela partícula — que poderia indicar o acordo ou o desacordo, com o conteúdo da pergunta — mas pela forma que representa o "ego actant", o verbo.

A atitude do locutor diante desse tipo de resposta não é uma demissão. Constata-se a situação do interlocutor, apropria-se dela, adere-se a ela, penetra-se nela. É uma adesão que se faz por meio de um processo sintático governado pela forma verbal. Livre ou forçado, desanimado ou altivo, o português utiliza sistematicamente o processo de afirmação. Somente a entonação pode denunciar o aspecto subjetivo-afetivo de sua resposta. Por exemplo:

"Juras? — Juro."

Se a pessoa jura forçada ou por medo, ela o fará com um tom diferente daquele que teria se o fizesse por convicção. Prende-se a algo por um juramento cujas conseqüências ou as causas sociais e jurídicas podem ser descobertas por algumas particularidades, como o brilho do olhar ou o tom da voz, mas não por processos linguísticos. Não se trata, pois, de um processo mecânico que consiste em endossar a opinião do outro sem assumir a responsabilidade de manifestar a sua própria. Também não se trata da aprovação cautelosa e conformista da reprodução mecânica e servil de que fala Léo Spitzer (13).

Ao contrário, ao afirmar, o locutor toma uma posição bem definida de adesão ou de desaprovação, quer ele responda por "sim" quer pela repetição do verbo.

(12) Rom. Gramm., III, § 521.

(13) Art. cit., p. 166.

O idealismo de Léo Spitzer coloca-o no polo oposto ao dos gramáticos de Port-Royal:

"E é isso que é o verbo, *uma palavra cujo principal uso é o de significar a afirmação*, isto é, indicar que o discurso em que esta palavra é empregada é o discurso de um homem que não imagina somente as coisas, mas as julga e as afirma. Nisto o verbo se distingue de alguns nomes que significam também a afirmação, como *affirmans, affirmatio* porque estes apenas a significam na medida em que, por uma reflexão do espírito ela se tornou o objeto de nosso pensamento; e assim, eles não marcam que aquele que utiliza estas palavras afirma, mas somente que ele concebe uma afirmação." (14)

É preciso convir que o logicismo de Port-Royal está muito mais próximo da realidade: o verbo é antes um instrumento de afirmação (15), acompanhado de uma reflexão do espírito, do que a expressão de um fatalismo ou de um medo de tomar partido.

A identidade de pensamento traduzida pela utilização do mesmo verbo não é, pois, um sinal de indiferença. A pessoa que está de acordo não se limita a emitir um eco mas toma uma atitude ativa com a participação de toda a sua personalidade. Do ponto de vista estilístico, o dinamismo de sua atitude é bem marcado pela frequência de emprego das formas verbais. A resposta afirmativa pela repetição do verbo equivale a um "sim" em ação, um "sim" dinâmico impregnado de realização. A pessoa se coloca em um nível de atividade, a sua própria ou a da pessoa à qual se refere.

(14) *Grammaire Générale*, II, XIII, p. 66.

(15) Exceto nos casos em que o conteúdo verbal é negativo, como «ne pas accepter», ou «nolo», verbo latino que quer dizer «ne pas vouloir».